

Sonho

Cláudia Vasconcellos

Mestre em filosofia e dramaturga

era um homem do asfalto, das calçadas de pedras. um homem de muros altos e longas paredes. sempre ao abrigo de telhas. sempre a olhar pelos vidros: devassando janelas e portas e telas de multifunções. era um homem de lâminas. cortava tocos de barba e de poesia. brilhava sob a luz fluorescente e no coração acendia um néon. tinha o corpo blindado com matéria impermeável. sustentava o forte estrutura inoxidável. e em seu cerne a carne era azul. era afeito ao cárcere dos elevadores. anatômico a automóveis e submarinos. um homem de metas horizontais, adivinhando o túnel do metrô do alto de arranha-céus. embrulhava idéias com plástico. rezava ao pé das torres de alta tensão. um homem trilhado por vações de cimento e medo.

um dia sonhou com a terra.

era um homem de barro e visco. um homem cogumelo, repentino. um homem jardim, percorrido por formigas e caracóis. enfiava-se em tocas. apalpava a escuridão. sempre coberto de musgo. sempre a lanhar em espinhos feridas incuráveis. era um homem flor aberto a visitas improváveis. vertia crepúsculos, orvalhando lágrimas sobre as folhas. despendia folhas sobre as poças. na poça de muitas chuvas apodrecia docemente. um homem fruta, semeado. colhido e semeado. gestando, sem fim, árvores e estrelas.

quando este homem acordou, estava salvo.